

GES
PCP**O Militante****BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.****A OFENSIVA, EM TODAS AS FRENTES!**

PARA o progresso do nosso Partido, para o seu engrandecimento político e orgânico, para a sua defesa da política fascista, para conduzir por um caminho justo as classes laboriosas, para impulsionar para a vitória o movimento de Unidade Nacional — é condição indispensável saber combinar a tática ofensiva com a defensiva. O nosso Partido tem que saber escolher os momentos favoráveis para desencadear a ofensiva, mas deve também saber colocar-se na defensiva e recuar mesmo, quando as circunstâncias o aconselhem. Isto deve verificar-se em todos os sectores da nossa actividade.

O momento presente, dadas as circunstâncias nacionais e internacionais e dada a própria situação interna do Partido, é excepcionalmente favorável para que o Partido passe à ofensiva em todas as frentes da sua actividade. Não estamos num momento em que o nosso Partido necessite duma «pausa» para recompôr forças, reorganizar fileiras, restabelecer ligações com as massas. O Partido está presentemente em condições para caminhar para diante em todos os sectores, para desencadear uma larga ofensiva no domínio de organização, mobilização de massas, alargamento da unidade anti-fascista.

Não se trata da ofensiva final que conduzirá directamente ao derrubamento do fascismo. Até à revolução nacional-democrática temos ainda muitas ofensivas parciais a empreender e muitas retiradas parciais a efectuar. A ofensiva presente tem em vista objectivos mais restritos. Com ela visamos ganhar terreno, enfraquecer as posições do adversário, fortalecer as que já ocupamos e ocupar novas posições, conseguir novos aliados, ampliar a frente de combate ao fascismo, preparar um terreno mais favorável para o levantamento nacional anti-fascista.

Quais as principais direcções desta

ofensiva?

A PRIMEIRA: MAIS AMPLA MOBILIZAÇÃO DAS MASSAS.

Nestes últimos anos o Partido tem conseguido fomentar e dirigir lutas em que participaram muitas centenas de milhares de trabalhadores. O Partido tem dirigido importantes lutas parciais de operários e camponeses, entre as mais importantes das quais se coam as jornadas de unidade operário-camponesa de 8 e 9 de maio. Depois do afoxamento necessário da actividade de massas imediatamente após 8 e 9 de maio, estamos de novo num período de ofensiva, de grandes lutas parciais. Em centenas de empresas, os operários lançam-se à luta pelas suas reivindicações: pelo aumento de salários, contra o imposto profissional, etc. Em algumas indústrias consegue-se já um movimento coordenado, não só dos operários das fábricas duma mesma localidade, mas de várias localidades duma região.

O que se trata agora é de conseguir GENERALIZAR A LUTA POR INDÚSTRIA A TODO O PAÍS; É MULTIPLICAR AS LUTAS DE CARÁCTER LOCAL E REGIONAL. O QUE SE TRATA É DE UNIFICAR O MOVIMENTO OPERÁRIO À ESCALA NACIONAL. E, ao mesmo tempo, MOBILIZAR AS MASSAS CAMPONESAS PARA A LUTA, FOMENTAR A REVOLTA EM TODOS OS CAMPOS DE PORTUGAL, as marchas da fome, greves por melhores salários, idas em massa das populações rurais famintas buscar os géneros onde os houver, marchas de desempregados, etc.

A nossa tarefa na presente ofensiva é alargar mais a mobilização de massas, é torná-la extensiva a todo o país, é tentar passar decididamente da luta por empresa à luta normal e corrente por localidade, região e mesmo por indústria à escala nacional, é arrastar



à luta de massas novas camadas da população.

A SEGUNDA: CONQUISTA DOS SINDICATOS NACIONAIS E CASAS DO POVO.

O Partido tem conseguido conduzir as massas operárias e camponesas a uma actividade de pressão intensa sobre muitas direcções sindicais e Casas do Povo e tem mesmo, em muitos casos, levado as massas à eleição de direcções da confiança dos trabalhadores. As condições são agora muito favoráveis para intensificar as pressões, reclamações, etc., em todo o país. Mas não só isso.

Agora NÃO SE TRATA JÁ SÓ DE IR APRESENTAR RECLAMAÇÕES ÀS DIRECÇÕES DOS SINDICATOS E CASAS DO POVO, PARA QUE ELAS TRATEM DA QUESTÃO.

A nossa tarefa na presente ofensiva é **ARRASTAR AS DIRECÇÕES DOS SINDICATOS E CASAS DO POVO A APOIAR AS RECLAMAÇÕES DAS CLASSES TRABALHADORAS E ACOMPANHAR AS COMISSÕES, SE ESTAS ASSIM O DESEJAREM, ÀS AUTORIDADES COM QUEM ESTAS PRETENDAM FALAR.**

Muitos dirigentes sindicais, em virtude da pressão das massas, estão fugindo à influência das autoridades «corporativas» e dispõem-se cada vez mais a acompanhar e servir os trabalhadores. Em relação a esses dirigentes sindicais, os nossos camaradas devem aconselhar as massas a não os hostilizarem, mas ao contrário a estimulá-los com mostras de simpatia e manifestações de apoio sempre que eles tomem atitudes favoráveis aos interesses da sua classe. Mas, em relação aos dirigentes dos Sindicatos Nacionais e Casas do Povo que se mostrem inimigos dos trabalhadores, dificultem as reclamações operárias e camponesas, se neguem a ouvir a voz das massas, em relação a esses há que levar as massas a varrê-los dos Sindicatos e Casas do Povo. Esta atitude deve ter lugar sempre que na direcção das Casas do Povo estejam instalados, contra o que dispõe a lei (decreto 23.051 de 23-9-33), grandes senhores da terra. As organizações do Partido devem levar os trabalhadores a multiplicarem as suas diligências junto dos Sindicatos e Casas do Povo e, à base das ricas experiências de inúmeras lutas de massas, a compreenderem a necessidade de PARTICIPA-

REM ACTIVAMENTE NAS ELEIÇÕES para colocar nas direcções homens da sua confiança.

Hoje, depois das numerosas lutas de massas levadas a cabo sob a direcção do Partido, os trabalhadores já não são indiferentes em relação aos Sindicatos e Casas do Povo. É nossa tarefa na presente ofensiva levar decididamente os trabalhadores a conquistarem os seus Sindicatos e as suas Casas do Povo.

A TERCEIRA: FORMAÇÃO DE COMITÉS DE UNIDADE NACIONAL EM TODO O PAÍS.

Em consequência directa da acção do Partido, foi criado e tem-se desenvolvido o Conselho Nacional de Unidade Anti-Fascista. Algumas das organizações aderentes ao Conselho Nacional têm desenvolvido uma positiva actividade. Em algumas regiões e localidades foram criados organismos de Unidade Nacional. Mas, neste aspecto, está ainda muito por fazer. Entretanto, dada a rápida evolução da situação nacional e internacional, dado o prestígio ganho pelo Conselho Nacional no campo anti-fascista, as condições presentes são particularmente favoráveis para a criação, em todo o país, de Comitês de Unidade Nacional, tal como foram definidos no número anterior de «O Militante».

Não devemos mais esperar que a iniciativa parta dos outros aderentes ao Conselho Nacional. Na presente ofensiva, **CADA ORGANIZAÇÃO REGIONAL E LOCAL DO PARTIDO DEVE TOMAR A INICIATIVA DE CONSTITUIR NAS LOCALIDADES DA SUA ESFERA DE ACÇÃO, UM COMITÉ DE UNIDADE NACIONAL.**

Para isso, deve observar o seguinte: a) — os nossos camaradas procurarem para esse fim anti-fascistas sérios e de prestígio; b) — ser destacado para abordar esses anti-fascistas e constituir com eles o Comité de Unidade Nacional só um camarada, de preferência um camarada que tenha pouco trabalho de organização, mas com a suficiente preparação política para se não deixar arrastar por orientações contrárias à do Partido; c) — participar imediatamente à Direcção do Partido a criação do Comité; d) — conservar a actividade do Partido totalmente separada, sob o ponto de vista de organização, da actividade do Comité de Unidade Nacional e não dar a conhecer a este nada

dos efectivos, componentes, vida interna, etc., da organização partidária.

A criação de Comités de Unidade Nacional — compostos por anti-fascistas de prestígio local com representação do nosso Partido — em todas as cidades e vilas do país, é fundamental para o progresso e triunfo do movimento nacional anti-fascista.

A QUARTA: FORTALECER O NOSSO JÁ GRANDE PARTIDO.

Em todos os domínios da sua actividade, o nosso Partido tem sem dúvida alcançado importantes êxitos nos últimos anos e, desde a reorganização de 40/41, tem-se desenvolvido progressivamente. No momento presente, todas as condições são favoráveis para darmos mais alguns grandes passos em frente.

Na presente ofensiva, é tarefa de todas as organizações e membros do Partido o **ALARGAMENTO DECIDIDO DA ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO**, alastrando a novas terras, a novas empresas, dando todas as ligações pos-

síveis de camaradas e simpatizantes sérios; é tarefa **IR AOS CAMPOS**, não adormecer sobre os grandes êxitos da organização partidária entre os camponeses, mas ir mais longe, conquistar decididamente para a nossa causa os camponeses de todas as regiões de Portugal; é tarefa **IR AOS QUARTEIS E BARCOS**, vencendo com decisão as deficiências ainda existentes (particularmente no que respeita à Armada) não deixando de dar uma ligação que seja, dum camarada, simpatizante, ou anti-fascista, em qualquer força armada, organizando directamente, em cada região e local, os nossos camaradas das forças armadas respectivas; é tarefa **DEFENDER CADA VEZ COM MAIOR VIGOR O NOSSO PARTIDO DA ACÇÃO POLICIAL**.

Estas são as tarefas fundamentais, quanto à actividade partidária, que se colocam na ofensiva presente.

Se soubermos trabalhar, alcançaremos, num breve espaço de tempo, novos e importantes êxitos para o Partido.

POR UMA ORGANIZAÇÃO NA MARINHA DE GUERRA

NA debilidade do nosso trabalho nas forças armadas, é, sem dúvida, a Armada onde essa debilidade se faz sentir. Entre os marinheiros, dadas as condições de vida a bordo dos navios de guerra e dado que eles, na sua esmagadora maioria, são indivíduos que fazem daquela vida a sua vida, sentem com mais agudeza as injustiças de que são vítimas.

Na Armada há tradições revolucionárias e essas tradições transmitem-se através das várias gerações de recrutamento. É um erro admitir-se que a Armada de ontem não é a de hoje. Naturalmente, que em várias épocas o trabalho revolucionário teve maior amplitude, melhor organização, e por isso, melhores e mais militantes, mas isto não quer dizer que as condições objectivas não existam, não quer dizer que na Armada não existam os continuadores dos heróis de 5 de outubro, da revolução anti-sidonista, do 7 de fevereiro e de 8 de setembro de 1936. O que é necessário é que os saibamos encontrar, e depois, dirigi-los e orientá-los no verdadeiro caminho da luta, no caminho que conduzirá ao derruba-

mento do fascismo, no caminho que conduzirá o nosso povo ao bem-estar, ao progresso e à cultura.

No I Congresso Illegal do nosso Partido foi assinalada a debilidade do trabalho partidário nas forças armadas e, desde então, alguns passos se têm dado no sentido de eliminar essa debilidade, não com o impulso que era e é indispensável, é certo, mas as organizações do Partido, duma maneira geral, vêm compreendendo a necessidade dum mais intenso e activo trabalho neste sentido, enviando ligações de camaradas mobilizados, intensificando a sua acção junto dos militares em serviço na sua esfera de acção.

Mas, considerando o aspecto particular do trabalho revolucionário na Armada, é sem dúvida aí onde os progressos menos se têm feito sentir.

Esta situação tem de ser modificada. Os nossos militantes e organizações devem **INTENSIFICAR O SEU TRABALHO JUNTO DOS MARINHEIROS DAS SUAS RELAÇÕES, DEVEM PARTICIPAR ESSAS LIGAÇÕES AOS ORGANISMOS CENTRAIS, DEVEM ESTABELECEER SENHAS DE**

APRESENTAÇÃO, CASO O NÃO POSSAM FAZER PESSOALMENTE.

Avante, pois, por um mais intenso recrutamento na Armada.



—=O=O=—
**MAIS LARGA UNIDADE
 DA JUVENTUDE DAS ESCOLAS**

COMEÇA agora um novo ano lectivo.

Os nossos camaradas estudantes devem encará-lo como o ano decisivo. E, de facto, assim é. Há todas as razões para dizer que durante este ano lectivo a Alemanha será finalmente derrotada e muito possivelmente Salazar será derrubado. Esta situação coloca ante os nossos camaradas estudantes grandes tarefas. Não entramos num ano lectivo «igual a todos os outros». Entramos no ano da derrota do fascismo na Europa.

Os nossos camaradas estudantes devem ter os olhos bem abertos para a realidade que se apresenta e para as mudanças da situação política que se vão operando. A radicalização da pequena burguesia e a crescente actividade das suas correntes políticas (republicanas, liberais, etc.), as hesitações e desercções no campo fascista, são factos que os nossos camaradas estudantes devem, desde já, ter em conta para o seu trabalho de organização, agitação, mobilização de massas.

A união da juventude na luta contra o governo fascista pró-nazi de Salazar deve alargar-se a novos sectores. Entre os jovens católicos e mesmo jovens que ainda recentemente apoiavam a política fascista, há muitos que compreendem a derrota inevitável do fascismo e que o mundo presente se encaminha irresistivelmente para regimes democráticos, e que receiam que Portugal, governado por Salazar, sossobre no campo internacional. O número destes novos aderentes à causa da democracia há-de crescer à medida que se aproxima o fim de Hitler e do fascismo na Europa. Se hoje ainda se não pode falar duma corrente neste sentido, ela não tardará a verificar-se. Os nossos camaradas estudantes devem estar bem atentos para facilitar esta desagregação no campo fascista e para conduzir esta corrente de descontentamento para o movimento de Unidade Nacional anti-fascista.

Para isso, deve encarar com muito maior largueza a questão da unidade da juventude estudantil. Essa unidade

deve ser estabelecida, não já só com os estudantes radicais, simpatizantes comunistas na sua maior parte, mas com os jovens patriotas de todas as tendências. Os nossos camaradas devem adoptar uma atitude extremamente hábil e audaciosa para estabelecer a união com esses jovens. A MP e a JUC, assim como a actividade dos nossos militantes em relação a essas organizações, devem ser vistas com novos olhos.

O fundamental não é já só penetrar na MP e na JUC com a ideia de penetrar em terreno inimigo para arrancar os jovens à influência fascista. Hoje o fundamental é abordar e saber atrair à luta patriótica, à luta anti-fascista, os jovens da MP e da JUC.

Essa abordagem oferece dificuldades e, em certos casos, perigos também. Há que ser muito prudente no que se diga a esses jovens, tendo sempre em conta que tais jovens vivem num ambiente fascista e que alguns podem estar ainda estreitamente dependentes de dirigentes fascistas.

Mas em muitos casos pode estabelecer-se uma unidade sem esses riscos. Isso acontece se a unidade for estabelecida COM FINS MUITO CONCRETOS DE LUTA. Para tal não se trata de falar a esses jovens na qualidade de jovens comunistas, nem de lhes falar mesmo em política. Há sim que levá-los a iniciativas comuns, a acções comuns, realizações desportivas, recreativas e culturais comuns. Não se deve perder uma única oportunidade duma luta comum para lhes propôr a unidade com esse fim muito concreto. Há que aproveitar todas as ocasiões para estreitar os contactos, as trocas de impressões, a colaboração em questões interessando a massa estudantil.

Mas isto não é tudo. Em relação a jovens da JUC e da MP, a jovens católicos e de correntes políticas várias, há que se ser mais audacioso. Há que saber atraí-los, não já só a acções comuns em benefício das massas estudantis, mas A ACÇÕES POLÍTICAS. Não seria possível, por exemplo, formar UMA ORGANIZAÇÃO LEGAL JUVE-

NIL DE CARÁCTER PATRIÓTICO, com o fim fundamental de que Portugal tenha um lugar ao sol no mundo de amanhã? Não seria possível que uma organização deste tipo fosse criada com a colaboração de jovens da JUC e da MP que estivessem de acordo que, para assegurar esse lugar a Portugal, terá que ser instaurado no nosso país um regime democrático? Julgamos que assim se poderiam lançar as bases duma organização legal estudantil (ou mesmo da juventude em geral), progressista, de carácter patriótico, onde podiam unir-se jovens de todas as tendências políticas e religiosas, UMA VERDADEIRA ORGANIZAÇÃO DE UNIDADE NACIONAL.

Entretanto, não é esta a única perspectiva de organização que se apresenta aos nossos camaradas estudantes. Em relação aos estudantes anti-fascistas (incluindo os da JUC e da MP) sérios, combativos e politicamente esclarecidos, que os nossos camaradas conheçam em cada escola, deve trabalhar-se para a formação de organismos de Unidade Nacional, de COMITÉS DE

UNIDADE NACIONAL.

Este trabalho não deve afectar o trabalho e desenvolvimento das nossas organizações comunistas nas escolas, que devem conservar a sua independência orgânica e devem manter o seu trabalho próprio de recrutamento, agitação, mobilização, solidariedade, etc.

O estabelecimento da unidade com jovens de todas as tendências, seja com objectivos muito concretos em defesa dos interesses da massa estudantil, seja para a criação de novas organizações juvenis (patrióticas, por exemplo), seja para a criação de Comitês de Unidade Nacional, seja em quaisquer outras formas orgânicas que sejam julgadas viáveis — é, no momento presente, a questão mais importante de todo o movimento estudantil.

Os nossos camaradas estudantes não devem esquecer um momento que, dada a situação nacional e internacional, é possível hoje arrastar para o campo anti-fascista muitos milhares de jovens, ainda ontem indiferentes ou mesmo enganados e influenciados pelo fascismo.

DEFENDAMOS OS QUADROS DO PARTIDO

O próximo aniquilamento do fascismo alemão, a situação cada vez mais difícil do governo fascista de Salazar, a crescente organização e combatividade das forças anti-fascistas portuguesas, são motivos importantes para que não vejamos já muito distante a saída do nosso Partido da feroz ilegalidade em que vive há longos anos.

Contudo, esta situação, susceptível de nos entusiasmar e que nos abre enormes perspectivas, se por um lado pode e deve servir para estimular os quadros do Partido, levando-os a reforçar a sua actividade, pode, por outro, levá-los a cometer sérias faltas conspirativas que podem pôr em risco a sua segurança e, por conseguinte, a segurança do trabalho partidário, desde o momento que se não tenha em vista a defesa e importância dos quadros actuais do nosso Partido. Ainda alguns exemplos dentro deste aspecto:

Para levar a efeito a reorganização até ao movimento de outubro-novembro de 42, o Partido precisou dos seus quadros; sem eles nunca poderia ter aproveitado as perspectivas resultantes

deste movimento nem desenvolver todo o seu trabalho até à eclosão das grandes jornadas de julho-agosto de 43; sem defender e fortalecer os seus quadros o Partido não poderia ter realizado o seu I Congresso ilegal nem as suas resoluções poderiam ser postas em prática; sem defender e fortalecer os seus quadros não teria sido possível ao Partido fomentar, organizar, desencadear e dirigir as jornadas operárias e camponesas de 8 e 9 de maio de 44; sem a defesa dos seus quadros o Partido nunca poderá desempenhar o decisivo papel que lhe está indicado no derrubamento do fascismo, na instauração dum governo democrático, não poderá ajudar o povo português a assegurar as conquistas adquiridas com o derrubamento do fascismo nem aproveitar consequentemente os novos quadros que hão-de afluir ao Partido após o derrubamento da ditadura salazarista.

Não devemos esquecer que o nosso Partido tem diante de si enormes tarefas a realizar e que para isso necessita manter intactos os seus quadros actuais. Não podemos esquecer que o



fascismo português procura, por todos os meios, atingir com os seus golpes os quadros do Partido e que esta acção será tanto maior na medida em que pressinta mais próximo o seu fim.

Daqui a necessidade das seguintes tarefas:

1.º — Reforçar a ligação com as massas trabalhadoras e anti-fascistas porque é esta a mais sólida garantia da defesa dos quadros do Partido.

2.º — Todos os quadros do Partido devem procurar apetrechar-se, cada vez mais, sob o ponto de vista político, à base do estudo cada vez maior de todos os problemas relacionados com a vida e actividade do Partido, à base do estudo e do aproveitamento das experiências diárias e anteriores, o que aumentará a sua capacidade de direcção e por conseguinte uma maior defesa em relação à policia e em relação ao patronato fascista.

3.º — O contacto com as organizações e

camaradas do Partido deve ser feito com a certeza de não ir seguido pela policia, deve proceder-se sempre de harmonia com as regras conspirativas estabelecidas, dando a todos os aspectos do trabalho partidário a maior naturalidade possível.

4.º — Não fazer comentários acerca da guerra ou do aniquilamento do fascismo em lugares públicos, geralmente frequentados e vigiados pela policia, legionários ou fascistas, evitando deste modo o perigo para a liberdade dos quadros que tanta falta fazem ao nosso Partido.

5.º — Não se deixar entusiasmar pelos acontecimentos nacionais e internacionais, de forma a pôr em risco as próprias tarefas partidárias.

Os quadros actuais do Partido são um material precioso para o presente e para o futuro do nosso Partido; por isso os devemos defender com todo o afinco e vigor.

AUMENTO DO AUXÍLIO FINANCEIRO

AS organizações do Partido, e individualmente os membros do Partido e simpatizantes, têm feito esplêndidos esforços para aumentar os fundos do Partido. Esses esforços têm contribuído, em grande parte, para os progressos da nossa actividade.

Mas o certo é que o auxílio financeiro prestado pelos nossos camaradas e simpatizantes — à custa muitas vezes do seu sacrifício pessoal — é já manifestamente insuficiente para a situação presente do nosso Partido, para as necessidades do nosso trabalho partidário.

Para cumprirmos as nossas tarefas presentes, para levarmos por diante a nossa acção num ritmo crescente, para desenvolvermos o Partido, a sua organização nacional, os seus quadros, os seus serviços técnicos, para continuarmos corajosamente e eficazmente o Partido contra as investidas policiaes, para tornarmos o nosso já grande Partido o Partido da vitória anti-fascista, são precisas MUITAS CENTENAS DE CONTOS. E, no momento presente, esta quantia não pode ser obtida simplesmente pela cotização, pagamento de imprensa e contribuições individuais dos nossos camaradas.

O que é necessário então?

1.º — Que cada organização do Partido e cada camarada encare FORMAS DE ANGARIAR FUNDOS PARA O PARTIDO, dando nisso provas de iniciativa, imaginação e audácia. As organizações do Partido devem participar ao controlador respectivo qualquer iniciativa a que se propoam neste sentido e discuti-la com ele, antes de a levarem a cabo.

2.º — Que cada organização do Partido e cada camarada encare a aborçagem dum anti-fascista que conheça, SIMPATIZANTE RICO, e lhe coloque a necessidade duma forte contribuição para o Partido, garantindo-lhe que essa quantia será entregue ao Partido, pois lhe mostrará o «Avante!» com a indicação respectiva.



«Todos os partidos revolucionários que até hoje pereceram desapareceram porque se iludiam a si próprios, não conseguiram ver onde estava a sua força e recearam falar das suas fraquezas. Mas nós não morreremos, porque não receamos falar da nossa fraqueza e aprenderemos a vencê-la.»

LÉNINE